

Ética ambiental

Aquecimento global



João Costa nº5

11ºE



O início do século XXI ficou, em parte, marcado pela atenção dada aos problemas relacionados com o ambiente, mais propriamente com o aquecimento global. Tal acontece devido ao facto de a atmosfera terrestre se encontrar demasiado poluída, o que origina consequências graves não só para a Humanidade, mas também para todas as formas de vida existentes na Terra. A grande questão que se coloca nos dias de hoje é a seguinte: deverão os interesses económicos sobrepor-se aos interesses ambientais? Que medidas devem ser tomadas com vista à redução do impacto ambiental no nosso planeta? Até que ponto vai a nossa liberdade, enquanto seres livres, a partir do momento em que interferimos com o ambiente? O aquecimento global deve ser visto como uma questão meramente regional ou vista à escala mundial? Já foi demonstrado por vários humanistas e ambientalistas que agora mais do que nunca é necessário definir certas estratégias e tomar certas decisões que permitam inverter parte da grave situação ambiental que vivemos nos nossos dias. As consequências são catastróficas. Há que fazer uma escolha: enveredar somente pela vertente económica, a curto prazo, desprezando assim todo o ecossistema terrestre; ou optar pela adopção de um desenvolvimento sustentável, respeitando o ambiente e o planeta em geral.

Sem colocar em risco a economia mundial é possível a preservação do ambiente, através de medidas que embora possam não agradar a todos a curto prazo, o irão fazer a longo prazo, porque sem estas medidas, as gerações seguintes poderão não usufruir da mesma qualidade ambiental que nós vivemos actualmente.

O aquecimento global é o aumento da temperatura terrestre (não só numa zona específica, mas em todo o planeta) e tem vindo a preocupar a comunidade científica cada vez mais. Acredita-se que este fenómeno tenha origem no uso de combustíveis fósseis e outros processos em nível industrial, que levam à acumulação na atmosfera de gases propícios ao Efeito Estufa, tais como o Dióxido de Carbono, o Metano, o Óxido de Azoto e os CFCs. Há muitas décadas que se sabe da capacidade que o Dióxido de Carbono tem para reter a radiação infravermelha do Sol na atmosfera, estabilizando assim a temperatura terrestre por meio do

Efeito Estufa, mas, ao que parece, isto em nada preocupou a humanidade que continuou a produzir enormes quantidades deste e de outros gases.

Devido aos efeitos potenciais sobre a saúde humana, economia e meio ambiente, o aquecimento global tem sido fonte de grande preocupação.

As alterações climáticas são uma realidade. Neste século, as temperaturas na Europa poderão aumentar entre 2º e 6 ºC (contra os 0,95 ºC do século passado e uma média global de 0,7 ºC) e prevê-se como consequências a escassez de água, condições climáticas extremas, migrações de espécies marinhas, mudanças nos ecossistemas, perdas económicas, entre outras. Registam-se ainda problemas de saúde provocados pela poluição atmosférica. A exposição a produtos químicos afecta as pessoas de todo o mundo. Foram detectadas substâncias provenientes do ar poluído da Europa no sangue dos habitantes do Ártico.

Com vista a evitar (ou reduzir) os efeitos devastadores destes problemas foram organizadas várias conferências ambientais, cujo objectivo era limitar as emissões de gases poluentes para atmosfera, reduzindo deste modo o efeito de estufa. O protocolo de Quioto foi talvez a cimeira mais importante no combate ao aquecimento global.

Muitos países concordaram em reduzir pelo menos 5% das emissões de gases, embora o país mais poluidor não o tivesse feito. Os EUA não ratificaram o Acordo, pois segundo o presidente George W Bush, os compromissos acarretados pelo Protocolo de Quito interfeririam negativamente na economia norte-americana. O facto de os EUA não se terem comprometido a respeitar os ideais do Protocolo de Quioto demonstra o desinteresse que têm na protecção e preservação da Terra. Segundo Hans Jonas, um filósofo alemão (1903 – 1993), há que respeitar o *princípio da responsabilidade*, no qual o Homem deve preservar a natureza e os seus recursos, para que estes possam ser usufruídos pelas gerações seguintes. O Homem deve então ser responsável pela natureza, porque esta é necessária ao Homem (ética antropocêntrica) e/ou porque a Natureza é um bem em si mesmo (ética cosmocêntrica). Assim sendo, não devemos olhar para o aquecimento global como um problema menor, mas sim com a magnitude e importância que esta questão requer.

No entanto, a protecção do ambiente não deve ser apenas vista como um problema referente aos políticos, mas também como algo que diz respeito a cada um de nós: cada pessoa pode ajudar a atmosfera ao evitar a deslocar-se nos próprios carros e começar a utilizar mais os transportes públicos. Com vista à redução da emissão de gases para a atmosfera, vários países adoptaram o princípio poluidor – pagador, em que o poluidor deve suportar as despesas das medidas decididas pelas autoridades públicas para assegurarem um ambiente num estado aceitável. Apesar desta medida contribuir para a diminuição dos efeitos do aquecimento global, há muitas pessoas que consideram este princípio uma forma de perderem dinheiro de uma forma injustificada e muitos pensam mesmo que medidas como esta levam à perda da liberdade de cada um de nós. Mas tal deixa de fazer sentido quando reparamos que o principal objectivo destas políticas é o de garantir a protecção do planeta e evitar certas “catástrofes naturais” já referidas. O importante é deixar a Natureza e os recursos do planeta em bom estado para as gerações seguintes, tal como nos foram deixados pelas gerações anteriores.

Quer relativamente ao protocolo de Quioto, quer ao princípio poluidor – pagador deve-se aplicar sempre o princípio da responsabilidade, na medida em que o Homem tem o dever de ser responsável pela Natureza, não só porque estamos dependentes desta, mas também porque não temos o direito de a destruir só porque temos esse poder. Tal como Hans Jonas defende:

“Age de tal maneira que as consequências da tua acção sejam compatíveis com a permanência de uma vida autenticamente humana sobre a Terra”¹

No balanço final sobre os interesses económicos e ambientais, podemos concluir que, embora os EUA não queiram cumprir (neste momento) o protocolo de Quioto e os cidadãos das cidades não queiram pagar de acordo com o que poluem (princípio poluidor – pagador), essa opinião pode mudar a longo prazo. Isto porque o factor económico deixa de ser importante quando comparado com os problemas associados ao aquecimento global. De pouco serve à Humanidade ver as suas receitas económicas aumentarem se isso significar a perda de vidas humanas, a

destruição de ecossistemas e essencialmente a degradação progressiva da Natureza e do nosso planeta em geral.

Por tudo isto *"inlui na tua escolha actual a integridade futura do Homem como objecto secundário do teu querer."*¹

¹Jonas, Hans (1992). *Le Principe Responsabilité. Une éthique pour la civilization technologique*, Paris, Les Editions du Cerf